

**Sergio Schargel**

Doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Professor de Literaturas de Língua Inglesa na UFSJ. Bolsista CAPES.

ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*. São Paulo: Planeta, 2018. ISBN: 9788542214277

"Se pensarmos no fascismo como uma ferida do passado que estava quase sarada, colocar Trump na Casa Branca foi como arrancar o curativo e futucar a cicatriz" (ALBRIGHT, 2018, p. 13), é com essa afirmação que a ex-Secretária de Estado estadunidense Madeleine Albright começa sua obra. A escolha da autora não é sem motivo: em épocas de recessão democrática global, começamos a olhar apreensivos para os anos 1940, uma época que parecia superada. Mas que, como os governos antidemocráticos que ressurgiram ao redor do mundo na última década evidenciam, era ingênuo acreditar que o fascismo morreu com a guerra.

Albright não cria uma peça imprescindível sobre o fascismo. Não é uma obra como *Anatomia do fascismo*, de Robert Paxton; *O fascismo eterno*, de Umberto Eco; ou *O eterno retorno do fascismo*, de Rob Riemen, peças basilares e sustentáculos na teorização do fascismo, em particular o primeiro. Do ponto de vista teórico, não há muito de novo em *Fascismo: um alerta*. A obra contém os mesmos avisos que foram dados por outros pesquisadores e acadêmicos e análises semelhantes foram cravadas sobre os movimentos antidemocráticos globais. Há, porém, uma idiossincrasia que destaca o livro: os relatos pessoais das experiências da autora como refugiada do fascismo e do comunismo real, e, posteriormente, como diplomata.

Em um sentido, *Fascismo: um alerta* é um grande ensaio amalgamando experiências empíricas

com teoria e história política. Um livro que é, acima de tudo, uma ode à democracia liberal e à rejeição ao autoritarismo, independente do eixo do espectro em que ele possa aparecer. Filha de refugiados, a família Albright sentiu em primeira instância os impactos do autoritarismo tanto da esquerda quanto da direita, e o perigo que o ressurgimento de movimentos neofascistas representa. Ainda assim, o leitor pode notar certa leviandade por parte da autora com relação não apenas à utilização do conceito de fascismo, mas também para com o próprio Estados Unidos.

No primeiro ponto, Albright às vezes recai à tentação de malabarismo intelectual para tratar o fascismo como uma virtualidade possível no futuro, mas recusando a tomar líderes contemporâneos como fascistas. Isto é, os nacionalistas autoritários servem como um alerta para um possível futuro fascismo, espécie de predecessores. Parece haver, em Albright, certo receio em tratar as coisas pelo que são, recorrendo ao curioso ato de identificar o fascismo e suas características, mas tomá-lo como uma possibilidade ainda não presente. Paradoxalmente, ela própria alarga o conceito excessivamente e o torna vago, ao afirmar que, dentre os líderes mundiais contemporâneos, o único fascista seria Kim Jong-un. Ao contrário do que foi feito por Paxton, a conceitualização vaga de Albright permite que o termo seja utilizado ao mesmo tempo com receio e fragilidade.

No segundo ponto, apesar de alguns mea-culpa, em particular com o capítulo dedicado a Donald Trump, Albright não se aprofunda no constante flerte ao longo da história recente dos Estados Unidos com o autoritarismo. Longe de ser raro, tal flerte se repetiu com frequência, fosse por meio de movimentos como o macarthismo, a segregação racial, ou a frequente intervenção estadunidense em outras nações, inclusive apoiando a derrocada de democracias como foi durante toda a história da América Latina na década de 1970. Ademais, sem esquecer até mesmo a piscadela explícita de parcelas significativas da população ao fascismo e ao nazismo, como o comício pró-nazismo no Madison Square Garden que reuniu mais de 20 mil estadunidenses (ALBRIGHT, 2018, p. 70). A autora se contradiz ao sugerir que Trump não seria mais do que um acidente de percurso na história dos EUA, ao mesmo tempo em que ela própria relembra momentos e períodos históricos de flerte autoritário no país.

Para isso, Albright revê o conceito de fascismo, em relativa consonância com o que foi sugerido por outros pensadores como Rob Riemen e Jason Stanley, entendendo o fascismo como um método de poder. Isto é, não um sistema político hermético e estruturado, mas características idiossincráticas que o diferem de um autoritarismo comum, que são utilizadas como ferramenta para se tomar ou manter o poder. Se por um lado esse pensamento fornece um

ponto interessante ao permitir uma visão mais compreensiva do fascismo, interpretando-o menos como uma estrutura e mais como um movimento – e fugir da interpretação marxista, que o toma por consequência exclusiva da luta de classes – por outro acaba por ampliá-lo de tal forma que permite Albright identificar traços de fascismo em personagens completamente díspares entre si, de Hugo Chávez a Donald Trump.

Fascismo: um alerta é falho como obra teórica, sua análise do conceito é superficial, ampla e, ainda assim, a autora evita utilizá-lo, embora recheie o livro de paralelos e semelhanças entre Mussolini, Hitler e políticos contemporâneos. Há livros mais completos e aprofundados para aqueles que procuram se aprofundar na teoria sobre o fascismo. Mas não deixa de ser uma obra interessante. *Fascismo: um alerta* fornece, a despeito (ou talvez justamente por causa) da superficialidade teórica, uma chave para entender, ao menos um pouco, um conceito tão polissêmico e sua aplicabilidade na contemporaneidade.

Recebido em 26 de julho de 2023.

Aceito para publicação em 20 de setembro de 2023.